

são socialmente distintivas. Em contraste com a ênfase nas características distintivas da identidade cristã empreendida por Crisóstomo, Libânio tem uma concepção pragmática; João expõe doutrina e traça normas, Libânio explora a prática e o *habitus* (p. 40). A autora conclui pela inexistência de um grupo distinto e estanque de “pagãos”, por um lado, e de “cristãos”, por outro. Na realidade, a distinção entre cristãos, gregos e judeus seria muito menos marcada do que os textos e a pregação sustentam.

A análise de Sandwell ocupa-se em menor escala da identidade religiosa judaica; em rigor apenas ela é referida a título de contraposição, pese embora a expectativa levantada pelo título. Tendo em conta que são consideradas obras da segunda metade da vida de Libânio e da primeira metade da de Crisóstomo, sendo estas avaliadas como sobremaneira prescritivas face àquelas, fica a faltar um estudo que verifique até que ponto a partir do episcopado em Constantinopla a pregação de Crisóstomo terá sofrido evolução.

A obra termina com a indicação de uma longa bibliografia e de um *index rerum* (que poderia com vantagem ser mais desenvolvido), não apresentando lamentavelmente um *index locorum*.

MADALENA SIMÕES

SILVIA RIZZO, *Ricerche sul latino umanistico*. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2002. 237 pp. ISBN 88-8498-104-2. € 33,00

Ao longo de anos, Silvia Rizzo foi trazendo a público os resultados de uma fecunda e qualificada investigação sobre o período do Humanismo renascentista, seus autores e textos, sendo particularmente significativa a sua participação em projectos como a edição de Petrarca. Revela-nos agora que a sua inflexão para o estudo do Humanismo renascentista latino se operou por influência de Scevola Mariotti, no seguimento de *Il lessico filologico degli umanisti*, publicado em 1973. Por convicção e com sentido da importância da recuperação de linhas da tradição humanística, foi alargando horizontes. Revendo alguns dos estudos (por vezes demarcando-se de outros entretanto subscritos por outros estudiosos), dá aqui início à “publicação sistemática dos resultados com um primeiro volume de carácter introdutório e preliminar que assume temas sem os quais é impossível perceber a natureza do latim humanístico”: examinando, por um lado, as concepções linguísticas do humanismo e pondo em causa a funcionalidade do latim segundo padrões gramaticais acrónicos, analisando, por outro lado, a organização escolar e os instrumentos criados para o estudo do latim, com o objectivo de revelar como se cultivou uma língua que deixara de ser falada e era aprendida exclusivamente na escola. Promete Silvia Rizzo apresentar de futuro outros estudos que entrarão pelo discurso real para explicitar fenómenos estritamente linguísticos, aprofundando os vários aspectos do léxico, da sintaxe, da fonética e da grafia, do estilo.

Tendo partilhado com a autora alguns momentos de colóquios científicos em que nos irmanámos em posições sobre problemas relativos ao Humanismo e pudemos apreciar o alto nível das suas intervenções (sempre fulcrais para o avanço da discussão ou para dirimir posições nem sempre consonantes nos meios académicos), é-nos grato voltar a ler, em forma idêntica ou renovada, textos em que são abordados temas do maior interesse e com o maior sentido dos dados em apreço.

Se começarmos por examinar os autores mencionados na tabela de referências bibliográficas, damo-nos conta da largueza de horizontes em que Silvia Rizzo se movimenta, fazendo honra neles à tradição medieval e renascentista (em que Lorenzo Valla e Petrarca têm parte maior, seguidos de Guarino Veronese, Leonardo Bruni e Alexandre de Villa Dei) e sintonizando com os melhores eruditos da filologia humanística moderna, em que obviamente têm parte singular as figuras italianas (R. Sabbadini, à cabeça). Dois pólos congregam as temáticas neste volume: 1) Latim e vulgar na reflexão teórica dos humanistas; 2) Ensino do latim na escola. No primeiro sector surge o tema da identidade da língua latina, na sua história e tradição, em suas variantes e derivas. Insiste S. Rizzo na oposição entre *lingua artificialis* e *lingua vulgaris*, por necessidade de matizar os níveis de uma língua que é concebida como idêntica nos variados usos e acentuar a nota de “conventionalidade”, *ad placitum*, com subordinação a cânones gramaticais que a escola vigia e para os quais prepara. A análise das “teorias medievais” de língua prolonga-se pelo estudo

de "Petrarca e o *genus renatum*" e alarga-se no exame do "Debate humanístico sobre a língua falada na Roma antiga" para se fixar na personalidade de "Valla e a herança medieval", em que o autor das *Elegantiae* é situado no contexto das oposições do seu tempo, particularmente a de Poggio, mas atento também a fenómenos de alteração legítima, por uso, e de derivas devidas a influências estranhas, ao mesmo tempo que adopta noções como a de "língua materna", mas admite renovação por convenções de *ars/elegância* e por neologismos.

Na segunda parte do volume, o horizonte abre-se a questões de "organização escolar" (aparecimento de escolas livres – perante o declínio das escolas episcopais ou monásticas), esclarecem-se problemas de "curriculum" (vários níveis de ensino e distribuição de tempos, com organização fluida e entregues a mestres diversos), examina-se o tema de *non latinantes* e *latinantes* (segundo frequentam a escola em grau elementar ou grau superior e compõem em latim – opondo *psalteristae* e *donatisti*), aborda-se o sentido da "tradição escolar e a renovação humanística" (ultrapassando desconfianças mantidas relativamente à escola tradicional – expressas por personalidades como Bernardo de Claraval e Petrarca – aquele por afecto à contemplação, este por amor à familiaridade com os *auctores*), com a identificação dos *studia humanitatis* através de teorias pedagógicas, derivas de língua, importância dos mestres para o nível do cultivo da língua, substituição de textos, constituição de manuais, conteúdos de gramáticas, formação de terminologia no ensino gramatical.

À clareza do enunciado do plano geral corresponde à clarividência da exposição e à clarificação de conceitos, com novidade na abordagem das questões, como quando procede por esclarecimento através das oposições entre termos ou recorre a fontes que informam ou deixam perceber sentidos. Não é necessário percorrer muitas páginas para perceber os procedimentos: assim, por recurso a diversas fontes medievais e humanísticas, recupera-se a equivalência entre latim e gramaticalidade (quando Egídio Romano declara que "*philosophi inuenerunt sibi quasi proprium idioma, quod dicitur latinum*" está a acentuar que é pelos "homens de saber" que a língua de cultura se mantém viva; eles asseguram o "*genus renatum*" a que se refere Petrarca, pois estão atentos *uel auctoritate uel consuetudine* e garantem a norma, por convenção de língua), em contraposição a língua vulgar, marcada por assistemática babélica – por se haver esquecido o primitivo significado e a sua forma, como Dante estigmatiza; não há fracturas linguísticas, pois a oposição de níveis culturais supera-se em complementaridade – a *locutio secundaria/artificialis* surge em regime escolar, onde se redescobrem os valores primitivos nos *auctores* (*inuenire siue imponere dictionem ad significationem*) e dá razão das mutações da língua vulgar, que são interpretadas segundo os padrões enunciados já por Horácio. Aspecto singular é que Silvia Rizzo se serve de categorias operativas que encontra na longa duração da língua latina (pois podem documentar-se em Catão, em Isidoro e nos renascentistas, como Salutati, Alberti, Benzo de Alexandria, entre outros, sobretudo lexicógrafos); não notamos, porém, que se sirva da categoria isidoriana de *lingua mixta* nem das outras que servem ao seu autor para distinguir as diversidades da língua na sua diacronia – *prisca, latina, romana* (Et. 9,4,6), o que contrasta com o acronismo que, na análise e na prática, caracteriza os homens do Renascimento italiano (e outros).

AIRES A. NASCIMENTO

V. BOUDON-MILLOT & C. COBOLET (ed.), *Lire les médecins grecs à la Renaissance. Aux origines de l'édition médicale* – Actes du Colloque International de Paris (19-20 septembre 2003). Paris, Bibliothèque Interuniversitaire de Médecine, 2004. XII + 337 pp. ISBN 2-915634-00-9. € 35

A alguém um tanto distraído poderia parecer fora de perspectiva apostar num projecto de recuperação de tratados de medicina antigos, afastados de nós por séculos e suplantados por doutrinas e técnicas trazidas por avanços irrecusáveis da ciência e da experimentação. Não pensaram assim duas instituições de particular relevo no mundo académico e científico como é a Unidade Mista da Investigação CNRS 8062 de Medicina Grega e a Biblioteca Inter-universitária de Medicina de Paris, que desde 2001 se propõem